

[Resenha de Ciranda da Poesia, por Mariana Ianelli](#), Prosa & Verso, O Globo, em 01-01-2011

Coleção Ciranda da Poesia: Antonio Cicero por Alberto Pucheu (100 págs); Carlito Azevedo por Susana Scramim (110 págs); Chacal por Fernanda Medeiros (116 págs); Claudia Roquette-Pinto por Paulo Henriques Britto (84 págs); Guilherme Zarvos por Renato Rezende (80 págs); Leonardo Fróes por Angela Melim (64 págs) e Sebastião Uchoa Leite por Franklin Alves Dassie (92 págs). EdUERJ, R\$ 15 (cada volume)

Por Mariana Ianelli

Reunir estudiosos da literatura e poetas que exercem a atividade crítica para pensar a poesia que se produz hoje no Rio de Janeiro é a proposta da coleção "Ciranda da Poesia", lançada pela Ed. UERJ, sob organização de Ítalo Moriconi, que traz um portentoso ensaio sobre o trabalho de Antonio Cicero por Alberto Pucheu, leituras comentadas de poemas de Claudia Roquette-Pinto por Paulo Henriques Britto, Chacal por Fernanda Medeiros, Sebastião Uchoa Leite por Franklin Alves Dassie, Carlito Azevedo por Susana Scramim, além das apresentações de Guilherme Zarvos por Renato Rezende e Leonardo Fróes por Angela Melim. Os livros contam ainda com uma pequena antologia de cada um dos poetas analisados.

As relações entre literatura e vida, texto e oralidade, âmbito acadêmico e espaço público, deslocamentos de tempo, confluências de gêneros e de vozes fazem parte desse horizonte de fronteiras distendidas que atualmente caracteriza uma poesia tão híbrida quanto deveria ser, sob o ponto de vista crítico, o modo de abordá-la. Das possibilidades de leitura exploradas nestes sete volumes, é o ponto de tensão entre o poético e o filosófico aquele que suscita a visão mais profunda e abrangente de um pensamento poético que se dispõe a pensar a si próprio. Habitando esta zona de intermédio, o ensaio de Alberto Pucheu é luminar dentro dessa "Ciranda", não apenas por sua densidade reflexiva, mas especialmente por tratar da poesia contemporânea de maneira geral, o que permite estabelecer um elo com os demais participantes da coleção e também com muitos outros autores representativos da literatura brasileira atual.

"Figuras mitológicas" convertidas em figuras de linguagem nos poemas de Antonio Cicero constituem o ponto de partida da reflexão de Pucheu, na qual ecoa o pensamento de Heidegger em seu célebre ensaio "Para que poetas?", que também parte do exílio dos deuses para falar de um "tempo indigente", inspirado em versos de Hölderlin. Apartado da dimensão do ritual, o mito evoca do antigo mundo no qual se enraizava somente o seu extrato poético. Caído para dentro da linguagem, Apolo é agora uma palavra sem fundamento, em

estado de suspensão. Em uma releitura de versos de Antonio Cicero, "o que cabe ao homem nesse novo tempo", segundo Pucheu, é "delirar", voar poeticamente sobre o abismo com "palavras aladas". Assim o autor retoma a questão da indigência de um tempo abandonado pelos deuses e por Deus, um tempo em que a poesia se tornou uma tarefa para o pensamento, quando a carência de um fundamento apontava já para um abismo e esse abismo para um estado de abertura gerador de novas forças e de novas conexões.

Se por um lado a condição desenraizada da poesia contemporânea se define pela errância e por uma falta que já não se sente como falta, por outro lado se vale das inúmeras possibilidades inauguradas pelas vanguardas históricas, que impulsionam o poeta a interferir na atualidade do seu tempo abrindo-lhe uma fresta para o extemporâneo. A força do poema reside nessa abertura, nesse trânsito que o seu desenraizamento opera, do presente para outros tempos, em uma simultaneidade do antigo e do novo que faz eclodir, na experiência com a linguagem, uma potência selvagem que é a "pulsção mesma dos movimentos inapreensíveis da história".

Pode-se compreender o fenômeno da poesia em performance sob essa perspectiva do poema enquanto um acontecimento extático, diluidor de fronteiras, em que o autor se confunde com a sua persona e a palavra assume fisicalidade, torna-se voz encarnada, gesto vivo e instantâneo. Chacal e Guilherme Zarvos são representantes dessa vertente de expressão, que nos anos 90 deu origem ao CEP 20.000 (Centro de Experimentação Poética), um palco aberto ao encontro do poeta com o público e da poesia com as mais variadas formas de manifestação artística dentro do cenário cultural carioca.

Renato Rezende, que apresenta a trajetória de Guilherme Zarvos e seu envolvimento ativo no CEP 20.000, reflete sobre o sentido político desse movimento, que propõe "uma nova forma de relacionamento, criação e fruição artística entre os cidadãos da cidade, da pólis". Fernanda Medeiros, em seu texto sobre Chacal, vê a circulação do poeta em público como uma descendência híbrida do flâneur e do trovador, e da palavra cantada na performance como uma presença que ocupa "o espaço aéreo da voz" e que traz à memória "algo ancestral".

Outro aspecto relevante associado ao desenraizamento e à hibridização na poesia contemporânea está no caráter anônimo do poeta, que se desenraiza de sua individualidade para se fazer ele mesmo, no corpo do poema, um ser de linguagem, para o qual aflui uma infinidade de elementos e corpos. Como diz Angela Melim sobre Leonardo Fróes, "a voz do poeta é só uma, a mesma e percorre os corpos ao longo dos séculos — eu, tu, e.e., Emily. (...) Mais que isso, alquímicos, incorporamos vegetais e fogo, além dos bichos,

encarnamos partículas, dando rosto à água, na 'coesão impessoal da matéria, a eternidade'". Paulo Henriques Britto também reconhece nos livros de Claudia Roquette-Pinto uma "certa impessoalidade no tom", em outras palavras, "o eu poético que vamos encontrar a partir de Saxígrafa não traz muitas marcas explícitas de individualidade".

Para Franklin Alves Dassie, que apresenta a obra de Sebastião Uchoa Leite, "não há como precisar uma identidade que é atravessada por inúmeras vozes e que, por isso, irá se definir (ou não) sempre em trânsito, entre dentro e fora". No caso de Carlito Azevedo, comentado por Susana Scramim, o "eu" do poema aparece como "mais uma coisa entre coisas, um EU que duvida de si", ou então ainda, como uma "voz impessoal, aquela que buscava Clarice Lispector com o 'it'".

O desguarnecimento de fronteiras, tão caro a Alberto Pucheu, tanto em sua ensaística como em sua poética, encontra paralelo no discurso dos outros autores e, sobretudo, no variegado campo de atuação dos poetas da coleção, a exemplo de Leonardo Fróes, que já traduziu, entre outros textos, contos e fábulas da antiga Ásia, ou de Carlito Azevedo, que desempenha a atividade crítica aliada ao trabalho editorial como coordenador da coleção *As de Colete* e editor da revista de poesia "Inimigo Rumor". No entanto, é na passagem entre o poético e o filosófico que esse desguarnecimento revela com maior amplitude a "essência selvagem" da arte nos dias de hoje.

Em uma releitura do poema "Guardar", de Antonio Cicero, reportando à sintaxe filosófica dos versos, Alberto Pucheu fala da contemporaneidade "ao mesmo tempo recôndita e radiante" que o poema engendra ao ser "uma contingência que guarda o absoluto oculto da poesia na resplandecência da sua superfície". Para esse lugar resplandecente convergem o poeta e o filósofo, assim como o poema em prosa, a experiência da corporalidade, a transposição de barreiras entre o coloquial e o erudito, entre a literatura e outras manifestações artísticas, marcantes na expressão poética dos autores que integram esta "Ciranda", convergem para aquela totalidade a que se referia Heidegger, na qual a "força da gravidade das forças puras, o centro inaudito, a conexão pura, a conexão completa, a natureza plena, a vida, o risco, são o Mesmo".

MARIANA IANELLI é poeta, autora de "*Almádena*" e "*Treva alvorada*" (*Iluminuras*), entre outros livros